

**EDIÇÃO COMEMORATIVA AO 80º ANIVERSÁRIO
DE FUNDAÇÃO DO MUSEU PARANAENSE**

**OITENTA ANOS DE VIDA
DO MUSEU PARANAENSE**

**José Loureiro Fernandes
Marília Duarte Nunes**

(Da Secção de Antropologia do
Museu Paranaense)

Curitiba — Paraná

1876 — 1956

MUSEU PARANAENSE

— 1956 —

Diretor

PROF. JULIO MOREIRA

Conselho Administrativo:

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES, Dr. Med.

Diretor da Secção de Antropologia e Etnografia

PE. JESUS S. MOURE, CMF.

Diretor da Secção de Zoologia

RUDOLF BRUNO LANGE

Diretor em exercício da Secção de Zoologia

CARLOS STELLFELD, Dr. Farm.

Diretor da Secção de Botânica
(Presidente do Conselho Administrativo)

WLADIMIR KOZAK, Dr. Eng.

Diretor do Cinema Educativo

FREDERICO WALDEMAR LANGE

Diretor da Secção de Geologia, Mineralogia e Paleontologia

JULIO MOREIRA, Dr. Med.

Diretor da Secção de História

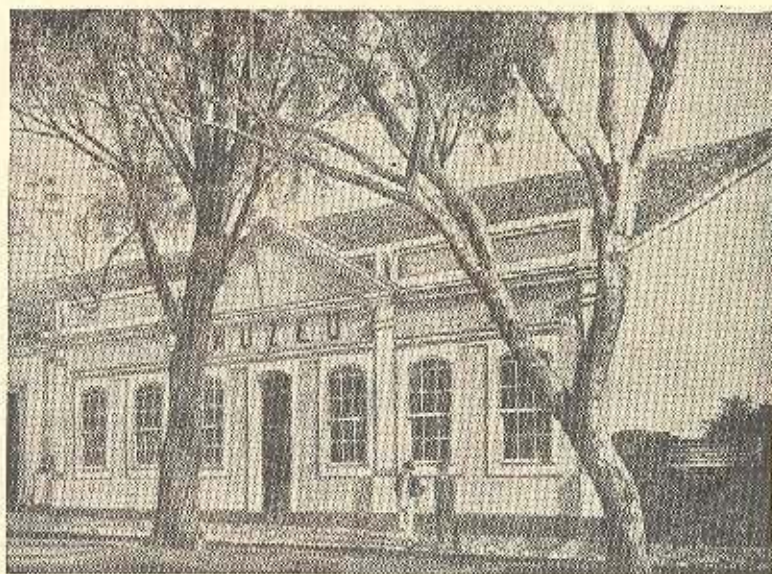
Diretor do Gabinete de Taxidermia do Museu Paranaense

Naturalista — ANDRÉ MAYER

OITENTA ANOS DE VIDA DO MUSEU PARANAENSE

José Loureiro Fernandes
Marília Duarte Nunes

(Da Secção de Antropologia do
Museu Paranaense)



MUSEU EM 1876

Entre as instituições que desempenharam papel dos mais salientes na história cultural do Paraná, neste seu primeiro século de emancipação política, figura, por sem dúvida, o Museu Paranaense.

Não podemos dizer haver nascido o Museu com a Província, seria mesmo difícil aceitar a existência de condições favoráveis para se criar um Museu no ambiente social de Curitiba, cidade recém-escolhida para capital da nova unidade administrativa da Nação.

Fundado em Curitiba em 1874 e só inaugurado em 1876, quando a jovem Província ainda mal via decorrer um quartel de século, surgiu, como tantas outras instituições congêneres do mundo, sob influência de estímulos diversos aos rumos culturais que posteriormente, assinalam sua existência.

O progresso do Império do Brasil tinha como uma das suas principais bases econômicas a cultura do solo, sob a forma de plantações, cujos resultados eram vinculados à mão de obra do elemento escravo. A fazenda, a lavoura, os rebanhos, o senhor da terra, o Ministério da Agricultura representavam um conjunto de atividades que credenciavam tôdas as iniciativas cujo objetivo girasse em torno dos interesses agro-pecuários.

Talvez por isso, as Associações de Aclimação, invocando êsses problemas nos seus aspectos específicos da agricultura e zootécnica, encontraram plena receptividade dos homens da época, pois traziam para a esfera das iniciativas culturais, problemas, diretamente, relacionados aos interesses econômicos dominantes.

Ao prestígio de dois nomes, na coletividade curitibana — bacharel Dr. Agostinho Ermelino de Leão e médico Dr. José Cândido da Silva Murici — deve o Paraná o funcionamento, na sua Capital, no início do último quartel do século XIX, de uma Associação de Aclimação.

Logo nos primórdios de sua fundação surge a Associação Paranaense de Aclimação — como concretização de uma idéia — com o duplo caráter de museu e jardim de aclimação, organizações complementares com as quais tinha em mira atingir os objetivos práticos para os quais fôra criada.

Funcionando, inicialmente, em caráter precário, numa das salas e no terreno do edifício da Tesouraria Provincial, teve êsse museu, como "Museu de Aclimação", curto período de atividades.

**O MUSEU PARANAENSE — Instituição particular.
A organização do Museu Paranaense.**

Tal foi o interesse manifestado pelo público na criação de um Museu Provincial, que o Presidente Adolfo de Lamenha Lins deliberou nomear em 13 de maio de 1875 ao Dr. Agostinho Ermelino de Leão, José Cândido da Silva Murici e o engenheiro André Braz Chalréo Junior para constituírem uma comissão encarregada de levar a efeito a iniciativa.

Vindo o auxílio oficial apoiar a louvável iniciativa particular, pôde o Museu, a 25 de setembro do mesmo ano, ser franqueado ao público, em prédio para tal fim adaptado, situado na área central da cidade, à Praça Zacarias.

Prometia desde o início rápido desenvolvimento, pois possuía boa coleção de peças históricas e de produtos naturais.

Foi o Museu Paranaense, nessa fase inicial da vida, uma "instituição particular amparada pelos sucessivos Governos provinciais e incessantemente auxiliado pelo favor público". Teve um rápido desenvolvimento o qual — como acentua o Presidente Lamenha Lins num dos seus Relatórios — foi obtido graças à solicitude dos dignos Drs. Ermelino de Leão e José Candido da Silva Murici, que gratuitamente se incumbiram de sua direção".

Mas poucos anos após, em março de 1879, via-se o Museu Paranaense privado do concurso de um dos seus abnegados fundadores com a morte do ilustre médico baiano o Dr. Murici, cuja eficaz e inteligente cooperação às múltiplas obras culturais à nascente província consagraram definitivamente sua personalidade nas páginas da história paranaense.

Prosegue, na direção do estabelecimento, o Desembargador Ermelino de Leão. O incremento das doações acentua logo a insuficiência para conter, num "espaçoso e único salão" as coleções do museu.

O auxílio oficial, numa dotação orçamentária, compatível com as disponibilidades do erário provincial, não possibilitou a realização do plano do abnegado fundador que era "o Museu dispôr de dois vastos salões preparados com esmero". Recebe, então, o Desembargador a melhor colaboração do favor público curitibano: festas populares e donativos particulares forneceram os recursos para a construção.

O Museu era, naquela época, um organismo funcionalmente, na verdade, integrado à vida social da Capital da província na qual desempenhou, por muito tempo, papel preponderante. "O seu recinto era o local escolhido para entrega oficial dos prêmios, quer escolares, conferidos pelo Governo, quer de exposições nacionais e estrangeiras, conferidos pelos respectivos júris".

Ainda, instituição particular, na época imperial viveu o Museu Paranaense dias gloriosos. Nos seus fastos sociais, alguns mereceram particular registro pela repercussão nacional que tiveram. Em 22 de maio de 1880, quando da visita à Província do Imperador Pedro II, timbra Sua Majestade, em companhia de comitiva, em visitar o Museu Paranaense e examinar as coleções em companhia do seu Diretor.

E, nessa mesma noite, o Governo Provincial oferece aos ilustres visitantes, num dos salões do Museu, um sarau oficial, com a presença dos elementos mais representativos da sociedade curitibana.

Alguns anos após, na história social do Museu, ficou o "registro particular, da solenidade" que se realizou quando foi a entrega dos prêmios conferidos aos expositores paranaenses pelos júris das exposições do Rio de Janeiro (em 1881) e da Continental de Buenos Aires (em 1882). Tal solenidade efetuou-se com a presença da Princesa D. Isabel e do Conde D'Eu, tendo Sua Alteza Imperial feito a entrega dos prêmios".

No setor cultural, como organização particular, recebeu o Museu, nesses primórdios do último decênio do Império, a sua melhor consagração; não só através dos testemunhos de apreço recebidos da coletividade paranaense, pela função educadora que vinha exercendo no seu seio, como, também, pelo início de sua projeção cultural no País.

A exposição Antropológica Brasileira, realizada no Museu Nacional em julho de 1882, foi o incentivo. Colaborando na primeira mostra antropológica nacional com a organização de uma coleção feita sob a orientação do Diretor do Museu, que revelou múltiplos aspectos paranaenses no setor da Astropologia física, da Etnografia e da Arqueologia, procurou o Dr. Ermelino de Leão mostrar ao meio intelectual da Côrte o interesse já existente na província pelo estudo da ciência do homem.

A par da mostra museológica, fêz encaminhar uma publicação e estudo, feitos por vultos representativos de nossa cultura.

A primeira publicação do Museu Paranaense foi o catálogo dos objetos remetidos à Exposição, anexo ao qual foram impressos trabalhos lingüísticos e etnográficos do coronel Telêmaco Borba e do missionário Luís de Cemitille.

Do êxito da representação paranaense temos o testemunho de Ladislau Netto ao manifestar ao Dr. Ermelino de Leão, com viva satisfação, os "agradecimentos pelos serviços prestados às ciências antropológicas, ao País e ao Museu Nacional".

Nesse mesmo ano o diretor do Museu, ao prestar assistência ao Conselheiro Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá — "que, em missão oficial, procedia ao estudo da flora e fauna da província do Paraná na região percorrida pela estrada de ferro Curitiba—Paranaguá —" e, ao obter do referido naturalista, a organização do seu primeiro herbário de plantas do Paraná, revela o seu interêsse no setor das ciências naturais.

O ato governamental de 30 de dezembro de 1882, aprovando pelo decreto 393 o regulamento do Museu Paranaense e declarando beneméritos da instituição os Drs. Adolfo Lamenha Lins, José Cândido da Silva Murici e Agostinho Ermelino de Leão, é o marco oficial que assinala o término da sua fase de organização.

O MUSEU PARANAENSE — Instituição oficial da Província do Paraná.

O advento do ano de 1883 é assinalado pela entrega solene do Museu à Província, na tarde de primeiro de janeiro, na presença do Presidente Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

Nessa ocasião S. Excia., ao dar ciência do decreto 393 que incorporou o Museu Paranaense aos serviços públicos da Província, investe oficialmente o ilustre magistrado, fundador da instituição, na função de Diretor do mesmo Museu.

A Diretoria, passando a contar, desta data, com a colaboração de alguns funcionários, pôde fazer prosseguir o Museu na sua rota de progresso, tornando-se a sua séde o centro coordenador das principais iniciativas culturais que se processavam na Província.

Era da própria Presidência da Província, quando entregue nas mãos do Dr. Oliveira Belo — o emérito administrador, sempre consagrado aos nossos problemas de instrução pública — que partia o estímulo oficial para a melhor projeção cultural do Museu. Aplaudindo a função educadora do Museu e os relevantes serviços já prestados pelo Desembargador à causa da instrução, concita-o a envidar esforços a fim de pôr em execução a prática de conferências no seu recinto, "tribuna que é por índole cadeira de magistério, não ama ao deslumbramento, porém, ao ensino, é uma operária tenaz e modesta na elaboração da mentalidade nacional".

O estímulo oficial toma incremento, quando o Governo vai para as mãos do emérito Visconde de Taunay.

É, então, a secretaria do Museu ocupada pelo Prof. Nivaldo Braga, um zeloso educador a cujas atividades deve o Pa-

raná,
no se
é ina
Muse
cou
cimer

de
go d
deser

o ber
rante
inces

gress
abran
procl
dos i
de re
pouco

tinho
to,
most
a um
leção
nante
so d'

derad
o seu
votar
seu,
guro

seu P
da A
nêl
algun

outub
sécul
fia e

raná, não só algumas páginas de real interesse, mas trabalhos no sentido de organizar antigas coleções. Ainda a êsse tempo é inaugurada, provisoriamente, na sala de honra do edifício do Museu, a Biblioteca Pública do Paraná, cuja administração ficou também entregue ao devotado organizador do estabelecimento.

Poucos meses após à inauguração da Biblioteca, em maio de 1886, solicitava o Dr. Ermelino de Leão exoneração do cargo de Diretor do Museu Paranaense, por haver sido promovido desembargador da Relação na Bahia.

As contingências da vida de magistrado obrigavam, assim, o benemérito paranaense a afastar-se da instituição, à qual, durante doze anos, tão desinteressadamente havia consagrado seus incessantes e inteligentes esforços.

Nessa ausência, de seis anos, afirmar podemos, que o progresso do Museu estacionou; é bem verdade que êsse período abrange os anos que imediatamente antecedem e sucedem à proclamação da República, anos nos quais, com o recrudescer dos ideais abolicionistas, e republicanos e a súbita mudança de regime, criou-se no ambiente social da província um clima pouco propício para a vida de instituições como o Museu.

Em 1892, de retôrno a sua província natal, o Des. Agostinho Ermelino de Leão reassume a direção do estabelecimento, procurando logo preencher os claros abertos nos seus mostruários, quando da remessa de material de suas coleções a uma exposição em Berlin, e também de peças de várias coleções que se tinham deteriorado pela excessiva umidade reinante no ambiente em consequência da vizinhança de um curso d'água.

No início da história cultural do Paraná, como unidade federada da República do Brasil, traduz o emérito desembargador o seu constante desejo de engrandecer o seu torrão natal "devotando as primícias de suas atividades" ao progresso do Museu, do qual, em fase provincial, fôra não só fundador, mas seguro orientador.

Consegue com tenacidade a instalação conveniente do Museu Paranaense no prédio que servia anteriormente de paço da Assembléia Provincial. Como o edifício possuía um pátio, nêle organizou um pequeno parque zoológico onde figuravam alguns exemplares vivos da fauna paranaense.

A franquia da nova séde ao público verificou-se a 7 de outubro de 1900. Surgia o Museu Paranaense no alvorecer do século atual com as características de um Museu de Etnografia e Ciências Naturais, como se pode depreender do próprio

"Guia", publicado pela Direção, com o precípua fim de orientar os visitantes.

Assim, quando da morte do seu principal fundador e primeiro Diretor, ocorrida em fins de junho de 1901, tinha o Museu Paranaense firmado o seu conceito, como instituição de caráter museológico para o que se nos afigura, muito contribuíram as atividades que caracterizaram a última fase da administração do Dr. Agostinho Ermelino de Leão, pois quando juiz de direito da comarca de Curitiba, registra uma de suas notas biográficas, "todas as horas de lazer eram consagradas à missão de engrandecer a sua província natal, associando-se, promovendo tôdas as iniciativas patrióticas que, de qualquer forma, pudessem contribuir para a cultura ou progresso do seu torrão natal", e consequentemente "faltava-lhe lazer para o estudo das ciências naturais, não era do seu temperamento, compatível com a ação dinâmica que exercia no seio da sociedade curitibana, o estudo demorado de gabinete".

Não obstante, conseguiu, nessa época, o fundador do Museu deixar um testemunho de seus pendores de homem de estudo, organizando o "Índice Paranaense", cujas notas manuscritas e inéditas, série de verbetes coordenados pelo seu filho o Dr. Ermelino Agostinho de Leão, foram publicados em anexo ao seu "Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná".

O MUSEU PARANAENSE — Instituição oficial no período republicano de 1902—1936.

Sob a égide de um novo sistema político é a Direção do Museu entregue, em 1902, por escolha do Dr. Francisco Xavier da Silva, governador estadual, ao historiador paranaense Alfredo Romário Martins, desde sua juventude vinculado às tradições republicanas.

O novo diretor, inicialmente, dentro das possibilidades administrativas, procurou selecionar o material existente, dispondo com certo método as coleções e propondo-se a completar a obra iniciada por seu digno antecessor.

Agradou, por certo, ao seu nunca desmentido indigenismo, dirigir uma instituição cujas preponderantes preocupações eram, nessa fase, voltadas particularmente para o terreno das ciências etnográficas e naturais, como se pode evidenciar, não só no primeiro Guia do Museu, como também, na inscrição que existia no frontispício do velho edifício da antiga Assembléa Provincial.

Reconhecendo ser a secção de Etnografia ainda falha de documentação, e almejando "dar-lhe um outro relêvo capaz de fa-

zer sobre ela girar o interesse do público e dos estudiosos", valeu-se em 1903, da circunstância de ser deputado estadual, para apresentar um projeto ao Congresso Legislativo no sentido de obter a colaboração dos comissários de medição de terras na coleta de materiais etnológicos e amostras minerais encontrados em suas explorações.

Mas, embora se dedicasse mais a estudos históricos e etnológicos, não descuidou o Snr. Romário Martins, em atender a pesquisas no setor de ciências naturais, não obstante a pobreza do meio para iniciativas deste gênero.

Deve-se à sua atuação inteligente e hábil junto à Assembléia Legislativa o auxílio concedido pelo Estado do Paraná para que o botânico suéco Per Karl Dusén prosseguisse os estudos da flora paranaense, uma vez que a Academia Real Sueca das Ciências e a Sociedade de Geografia de Estocolmo que subvencionavam as pesquisas do botânico suéco no Brasil, tinham esgotado suas possibilidades de auxílio.

À dedicação de Per Karl Dusén, que devotou vários anos de sua vida ao estudo da riquíssima flora local, deve o nosso país o "melhor trabalho que se tem logrado fazer sobre a flora do Paraná e de cuja sistematização lançou o fundamento indispensável".

Visando à permuta de trabalhos com entidades congêneres do País, que editavam publicações periódicas, tentou, em 1904, o Snr. Romário Martins, através do "Boletim do Museu Paranaense", divulgar aspectos da terra e do homem paranaense.

Havendo sido destinado o prédio em que funcionava o Museu para o Quartel do Corpo de Bombeiros da Capital, foi transferido o instituto para edificio condigno, situado na rua de São Francisco, onde outróra tivera sede o Salão Tívoli. Vale-se a administração Romário Martins dessa circunstância para conseguir que o Presidente do Estado, além de autorizar a conveniente adaptação do edificio, fizesse substituir "os antigos mostruários por outros adequados às respectivas coleções". A 15 de agosto de 1913, o Presidente Carlos Cavalcanti compareceu, pessoalmente, à reabertura do Museu, dando mais um testemunho do prestígio oficial que do seu govêrno sempre mereceram as nossas instituições culturais.

Nesta nova fase, sentindo a necessidade de atualização do Museu, fêz organizar outro regulamento, para substituir o que regia a instituição desde a Província. O regulamento, ao dar novas possibilidades administrativas, condicionava a criação de organismos complementares para pesquisas: um horto botânico, um parque zoológico, estações biológicas em várias zonas do Estado.

O plano de reorganização do Museu foi executado apenas parcialmente, por nunca poder contar com os recursos necessários. Nessa fase é que o Museu é enriquecido com a coleção etnológica que pertencera ao saudoso indianista Telêmaco Borba.

A sede definitiva do Museu, começava a ser uma preocupação constante, buscando dar segurança e estabilidade às coleções. Nesta época chegou-se mesmo a estudar a possibilidade de ampliação da área do Passeio Público e da construção no seu recinto do edifício.

Convidado a colaborar com o Governo, como diretor do Departamento de Agricultura, renunciou o Snr. Romário Martins o cargo de diretor do Museu em 28 de fevereiro de 1928, cargo que durante vinte e seis anos honrou com o brilho da sua inteligência e da sua sólida cultura.

Nesta época já era o Brasil agitado pelo espírito revolucionário que iria desencadear, em outubro de 1930, a grande revolução que pretendia dar novos rumos políticos e administrativos à Nação.

Ao terminar o primeiro período de vida republicana da Nação, havia o Museu Paranaense completado o primeiro ciclo da sua evolução.

Numa visão retrospectiva podemos sentir, perfeitamente que, nessa primeira fase, a maior parte da evolução do Museu processou-se sob a égide das iniciativas pessoais de dois ilustres paranaenses, sem que vislumbrar se possa qualquer tendência para trabalhos de equipe. Quando muito, houve um certo espírito de compreensão das diretorias em aceitar a colaboração espontânea e transitória de especialistas pertencentes a instituições congêneres nacionais e estrangeiras.

Aqui, basta apenas lembrar que Curitiba de 1911, época na qual se cogitou de criar, em seu meio, o ensino superior, era cidade que oferecia inúmeras dificuldades para iniciativas de vulto no terreno dos estudos, mesmo para aqueles estudos que ofereciam vantagens práticas, pela formação técnico-científica que iriam proporcionar. Um relato de interesse histórico da Faculdade de Direito do Paraná, assinalou ser Curitiba, no fim do primeiro decênio deste século ainda "praça pobre, com um banco apenas, sem indústria, sem movimento comercial apreciável tudo aqui era difícil e qualquer empreendimento de vulto, como que fadado a infalível fracasso. Viviam-se intelectualmente, do reflexo das grandes metrópoles Rio e S. Paulo. Nada se produzia; pouco se estudava".

Na Universidade do Paraná, uma criação do arrojo dos fundadores do ensino superior em nosso meio, teve-se em mira, como

nas demais faculdades superiores do país, nessa época, apenas o ensino técnico-profissional, motivo pelo qual viveu alheio o Museu ao seu ensino, como êste, também, nunca manifestou qualquer interesse pelo patrimônio e pela obra da mais antiga instituição cultural de Curitiba.

A auréola científica das faculdades superiores do Paraná, nem sempre confirmada pelas atividades culturais das suas cátedras, polarizou completamente, se assim nos é dado expressar, os interesses intelectuais das novas gerações paranaenses.

Face a essas particularidades do nosso meio, só à benemerência Ermelino de Leão e ao alto espírito paranista de Romário Martins deve-se, realmente a possibilidade de ser integrado na nova fase da história cultural do Paraná a sua mais antiga instituição de educação popular.

Aquêles que complementaram um estudo retrospectivo desta natureza, com uma visão panorâmica do meio urbano de Curitiba, nos três primeiros quartos de século de sua vida, como capital do Paraná, melhor hão de compreender o mérito dos dois primeiros diretores do Museu, assegurando, durante mais de meio século, a sobrevivência de uma instituição como era o Museu Paranaense.

Na sua nova fase não foi estranha às diretrizes que assumiram os trabalhos do Museu a grande modificação ocorrida na esfera administrativa federal, como a criação, após a revolução de 1930, do Ministério da Educação e Saúde e a organização de serviços com a função específica de se ocuparem com os problemas da formação científica e da proteção ao patrimônio cultural brasileiro.

O MUSEU PARANAENSE e a Revolução de 1930.

Os pródomos da revolução de 1930 e o primeiro lustro que se lhe seguiu, foi período pouco favorável ao progresso da Instituição. De março de 1928 a 31 de maio de 1931, duas diretorias se sucedem para logo após ser extinto o cargo de diretor.

Atravessa então o Estado uma fase de grande desorganização econômica; Museu e biblioteca foram transferidos, em condições precárias, para um próprio do Estado, sito na rua Buenos Aires, 200, onde, a dois de agosto de 1930 o Museu é franqueado ao público.

Extinto o referido cargo, a "administração do estabelecimento passou a ser confiada ao zelo do segundo auxiliar técnico Snr. João Tenius. Nêsse período as atividades do Museu podem ser sintetizadas em trabalhosa reinstalação, razoável conservação e

paulatino aumento das coleções na sua maior parte por donativos particulares. Entre êsses, avulta o do coronel Temístocles Pais de Souza Brasil, constante de uma coleção etnográfica de tribos da Amazônia.

Vê assim transcorrer o Museu, em 1936, o sexagésimo ano de sua existência, desamparado dos poderes públicos.

É quando o Governador Manoel Ribas, atendendo o apêlo de várias pessoas de conceito dentre as quais se destacavam o Dr. Aluísio França, Presidente da Câmara Municipal e o Dr. Eduardo Virmond Lima, Diretor da Santa Casa de Curitiba, restabelece, pela lei n.º 67 de 13 de novembro de 1936, o cargo de Diretor do Museu e nomeia, pelo Decreto n.º 3684, de trinta do mesmo mês, para exercê-lo o Dr. José Loureiro Fernandes.

No entendimento havido com o Governador Manoel Ribas, o novo Diretor, de viva voz, expôs em linhas gerais um amplo plano de organização para ser, progressivamente, realizado.

Nesse momento foi estabelecido não ser possível mais a obra do Museu Paranaense ficar orientada exclusivamente, como ocorrera até os últimos anos, por uma só pessoa, a projetada reorganização deveria ser fundamentada, no trabalho de uma equipe de homens de ciência.

Concordou com essas diretrizes o Governador Manuel Ribas, dadas as dificuldades financeiras pelas quais passava o Estado, a situação de abandono em que se encontrava o estabelecimento e a necessidade que tinha o seu Governo da colaboração de abnegados paranaenses para melhor realizar a obra de defesa do nosso patrimônio histórico, artístico e científico que o Museu representava.

Assentadas as bases para um trabalho em equipe com a futura melhoria progressiva das verbas da instituição, assumiu o novo Diretor suas funções em fins de dezembro do mesmo ano.

Nos primórdios de 1937, acompanhava o Paraná algumas das modificações ocorridas na esfera da administração pública brasileira, e cogitado foi, então, confiar os problemas específicos de cultura a um organismo especializado que seria criado na administração municipal de Curitiba. Nessa ordem de idéias é transferido o Museu Paranaense para a Prefeitura de Curitiba onde ficou aguardando a organização do seu Departamento de Cultura o qual só ocorreu a 14 de outubro de 1937, quando foi sancionada a lei municipal n.º 65 que o criou.

Na sua transitória permanência na esfera da Administração Municipal, não se enquadrou o Museu Paranaense no art. 64 do Regulamento do Departamento de Cultura pela qual era desmembrado em quatro secções, as quais, posteriormente, por

planejamento da vereança curitibana, deveriam ser instaladas num Palácio da Educação. Só pelo decreto n.º 7.517 de 8 de outubro de 1938 é transferido o Museu Paranaense para o Estado do Paraná, onde ficou sob a imediata jurisdição da Secretaria do Interior e Justiça.

REORGANIZAÇÃO DO MUSEU PARANAENSE

Do início do ano de 1939 é que datam as primeiras possibilidades de reorganização do Museu Paranaense, pois, a 22 de fevereiro desse ano, pelo decreto n.º 8.201, é aprovada a conveniente regulamentação, a qual, dividindo o Museu em secções, veio facultar ao Govêrno confiar a chefia de cada uma delas a estudiosos credenciados em nosso meio e, isenta a escolha de qualquer critério político, atitude essa que possibilitou obter a colaboração especializada de devotados brasileiros, todos professôres, recém-empossados nas cátedras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

Os primeiros diretores de secção, que, conforme dispositivo regulamentar, constituíram o primeiro Conselho Administrativo, foram:

Dr. Arthur Martins Franco — Secção de História.

Dr. Antônio Martins Franco — Secção de Botânica

Dr. Francisco de Assis Fonseca — Secção de Geologia e Paleontologia

Pe. Jesus Moure — Secção de Zoologia.

Dr. José Loureiro Fernandes — Secção de Antropologia e Etnografia.

Posteriormente, participaram da direção das secções de Botânica e História, respectivamente, os Drs. Carlos Stellfeld e Julio Moreira.

A nomeação dos diretores pelo Decreto n.º 8436, de 24 de abril de 1939, constituiu inegavelmente, na história administrativa da instituição, ato fundamental que permitiu assegurar a sobrevida e o desenvolvimento que teve a instituição depois de 1930, acompanhando até certo ponto o progresso técnico-científico de organizações congêneres nacionais.

Nessa época é também estabelecido como patrimônio do Museu o prédio e terreno da Rua Buenos Aires, onde ainda hoje se acha instalado.

Feita a possível adaptação do velho prédio, não obstante não poder satisfazer as exigências da museologia, veio permitir contudo a distribuição das coleções pelas respectivas secções com conveniente classificação e razoável montagem em salas.

A 19 de dezembro de 1939, com a presença do Interventor Manuel Ribas, foi o Museu reaberto à visitação pública, com as coleções já convenientemente distribuídas dentro de um critério científico, embora adaptadas à exigüidade do prédio.

Os anos seguintes permitiam consolidar os trabalhos de rotina, próprios a um Museu misto de história e ciências naturais. São melhores instalados os serviços de taxidermia, os depósitos de material e possibilitada a realização de algumas excursões, para trabalhos de campo.

A criação de um serviço de taxidermia no recinto do próprio Museu e a sua direção confiada a um competente técnico estrangeiro, foi iniciativa que muito contribuiu para o êxito das coleções, pela perfeição e maestria com que são preparados os exemplares das coleções faunianas expostas ao público.

Urgia, no entanto, inaugurar a exposição destinada ao público, cogitar-se da organização dos serviços internos, criando ambiente próprio ao museu para estímulo dos estudos especializados.

Inicia-se a formação de uma biblioteca técnica, visando, inicialmente, a bibliografia especializada no campo ao qual se consagraram os diretores de secções e respeitando, tanto quanto possível, o critério regional da Instituição que iria estender o campo de ação de suas pesquisas sobretudo ao território paranaense.

Participando, ativamente, de tôdas as comemorações mais significativas das efemérides paranaenses, sua secção de História, oportunamente fez editar publicações do mais alto interesse.

Tentava-se assim ampliar o âmbito de ação do instituto, para o que, também, muito iria contribuir a participação dos diretores de suas secções nos diferentes congressos de estudos especializados.

Pelo decreto n.º 11.700 de 30 de julho de 1941, inicia-se a possibilidade de colaboração, nos trabalhos científicos, de um grupo de jovens paranaenses, interessados nos estudos do Museu, graças à criação de auxiliares voluntários. Com a aquisição de equipamento para os trabalhos de campo, tornou-se possível incrementar os trabalhos especializados no recinto da velha instituição.

A par dêsse incremento na vida do Museu, para especialistas, foi possível, ainda mais uma vez, no ano seguinte, ampliar o Museu para o público.

Tendo sido sucessivamente desocupadas as dependências do edifício do Museu, nas quais residiam o auxiliar técnico e o porteiro, ampliou-se a exposição ao público de mais três salas e

obteve-se outras pequenas salas para trabalho e depósito de peças.

Esgotaram-se assim as últimas possibilidades de instalações das coleções destinadas ao público nessas dependências e forçoso foi reconhecer que, para não se entrar o crescente progresso da obra iniciada, necessário era cogitar-se da construção de edifício condizente com a vida e a obra da instituição.

Em memorial encaminhado, ao Governo Estadual, a 26 de maio de 1942, o Conselho Diretor, ao acentuar o crescente desenvolvimento do Museu e a necessidade de encarar o seu problema de modo definitivo, traça um programa a ser realizado paulatinamente.

Esse memorial focaliza múltiplos aspectos da função do Museu no organismo do Estado; defesa do patrimônio histórico e artístico; incremento das pesquisas regionais; educação popular, nos domínios das ciências históricas e naturais. No seu texto, era sobretudo estudado o problema da Instituição face ao ensino universitário e de modo particular em relação ao ensino das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

Nêsse memorial sugerida foi a nomeação de uma comissão que estudasse um plano de construção adequada às múltiplas e variadas funções que o Museu deve exercer na formação cultural das futuras gerações paranaenses. Projeto êsse cuja elaboração estava na dependência imediata do local onde deveria ser construído o novo edifício.

Valendo-se do transcurso, em 1943, do 250.^o aniversário da fundação de Curitiba, buscou-se, através de um inquérito entre os professores superiores, conhecer qual a opinião dominante sôbre o centro universitário, pois tínhamos de condicionar a êste centro a localização do prédio a projetar.

O resultado dêsse inquérito, embora modesto, veio demonstrar o acêrto da afirmativa do Conselho Administrativo do Museu, no referido memorial, ao reconhecer a conveniência da localização do futuro edifício do Museu na Praça Santos Andrade, em face do atual edifício da Universidade.

Em junho de 1944 pelo decreto n.^o 1993 da interventoria do Paraná chega a ser reservada a quadra fronteira à Universidade para a construção do novo edifício do Museu Paranaense, sendo nomeada uma comissão para estudar e elaborar o projeto.

De acôrdo com êsse decreto, cujas considerações justificam as providências adotadas, a instituição teria a sua séde construída na Praça Santos Andrade, defronte à Universidade do Paraná, local sem dúvida condigno para a sua importância e utilidade como entidade complementar do ensino superior.

Desnecessário seria afirmar-se que a deliberação interventorial fôra recebida com as mais vivas manifestações de júbilo nos nossos círculos culturais.

O golpe de outubro de 1945 e as sucessivas mutações que ocorreram na administração do Estado, criaram, novamente, grandes dificuldades ao Museu, até o restabelecimento constitucional do Governo Estadual.

Em 1946, ao comemorar o Museu o seu septuagésimo aniversário de fundação, havia pouco, falecera o Interventor Manuel Ribas, o único político paranaense que na nossa história republicana reconhecera no velho Museu o maior centro de educação popular e deixara testemunho, em atos oficiais, do seu apóio à obra de sua recuperação.

Na nova fase constitucional, iniciada em 1947, não se concretizou o apóio oficial prometido por ocasião da 100.^a reunião do Conselho Administrativo do Museu, sessão essa presidida pelo próprio Governador do Estado, Exmo. Snr. Moisés Lupion, de receber o Museu, através da criação da Secretaria da Educação e Cultura, os necessários elementos para efetivação dos planos já elaborados para se tornar uma instituição científica eficiente dentro do organismo do Estado.

Estruturada a Secretaria da Educação e Cultura, nela realmente foi situado o Museu com a importância que deveria ter no organismo cultural do Estado, não só pela projeção científica adquirida, mas, também, por toda uma tradição de três quartos de século de bons serviços prestados à cultura paranaense.

Entretanto, tornava-se premente "a construção de novo edifício de há muito planejado em bases arrojadas," para que não fôsse tolhido o seu ritmo de progresso.

Até 1948, este pequeno grupo de homens de ciência que constituía o Conselho do Museu Paranaense, conseguiu, transformar, conjugando com as cátedras especializadas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em dez anos, em eficiente instituição científica, "um museu velho e sem viço, simples arquivo de objetos diversos que não eram o resultado de pesquisa científica nem a provocavam."

Embora ainda no velho prédio, se transformára e se apurára em qualidade, mercê de um trabalho cuidadoso, executado dentro do possível, nos melhores padrões técnicos.

As atividades desse grupo de cientistas conseguiram "realizar em Curitiba uma tão notável ascensão das atividades de pesquisa a ponto de alimentar os Arquivos do Museu Paranaense", já no sexto volume com trabalhos de primeiro valor.

Os sucessos políticos ulteriores mostraram que, embora criada a Secretaria da Educação e Cultura, os novos governantes continuavam a ignorar a obra do Museu e em promessa apenas ficaria o apóio decisivo do governo para a construção da ala cen-

tral a ser inaugurada, em 1953, como monumento comemorativo a um século de emancipação política do Paraná.

A coligação política, a ascensão do governador Munhoz da Rocha, deu um golpe de morte na iniciativa, pois revogando tôdas as decisões governamentais anteriores, iniciou a construção do grande teatro da Capital no terreno onde apenas se esboçaram os fundamentos do projetado edificio do Museu.

No nobre afã de prosseguir a obra científica, iniciada há um decênio, os diretores de Secções buscaram novas bases, instalando em próprios universitários um verdadeiro departamento de ciências naturais e um instituto de pesquisas e por extensão universitária, em 1950, à antiga instituição conseguem fazer sobreviver através de um trabalho tenaz a jornada de cultura planejada à sombra do vestuto casarão do Museu.

Dêsse labor intelectual fica um testemunho nos múltiplos trabalhos publicados pelos elementos do Museu em várias revistas especializadas e sobretudo nas publicações oficiais do Museu.

A primeira série de seus "Arquivos" ultimou o seu décimo volume e da nova série, na qual a matéria é divulgada em publicações individualizadas por secções, começam a aparecer os primeiros trabalhos.

Lembremos igualmente que de publicações de menor tômo, como são as "Publicações Avulsas" foram editados nove fascículos e as publicações de História abrangem cinco bons volumes.

Ao aproximar-se o transcurso do seu octogésimo aniversário, tudo leva a crer, que o Museu Paranaense se dividirá, passando as secções de Antropologia e demais de Ciências Naturais para a órbita da Universidade do Paraná, permanecendo a secção de História e Etnologia na esfera estadual da Secretaria da Educação e Cultura.

Por fôrça do desenvolvimento particular das suas secções, no decurso do seu evoluir histórico, essa divisão vem-se tornando imperativa a ponto de, em 1953, já ter constituido motivo de um memorial ao Governador do Estado. Oficialmente autorizado já se encontra o herbário e a mór parte da biblioteca técnica instalada no Curso de Ciências Naturais da Faculdade de Filosofia, da Universidade do Paraná.

E a secção de cinema educativo, tão promissoramente iniciada no Museu, impossibilitada de nêle funcionar por falta de local, progride hoje anexa à Reitoria, da Universidade do Paraná.

Por uma feliz associação de esforços entre o Museu e o Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná, os trabalhos dos especialistas prosseguem, ao passo que nas suas acanhadas e velhas instalações o Museu popular há muito estacionou.

Ao traçarmos a sua resenha histórica, em 1937, quando compulsamos os seus fastos, reconhecemos que um desenvolvimento unilateral, no sentido de museu popular, relegára para plano secundário o museu para especialistas. Hoje, ao traçarmos êste histórico dos ulteriores vinte anos, forçoso é reconhecer que as contingências do meio condicionaram um desenvolvimento unilateral a favor do museu de especialistas.

Ao encerrarmos a resenha histórica de oitenta anos de vida do Museu Paranaense, ocorrem-nos ao pensamento aquelas impressões que tão lealmente manifestou, ao tomar conhecimento da história e da vida da mais antiga instituição do Paraná, quando a visitou, em janeiro de 1955, o grande professor George Gaylord Simpson, Chairman and Curator of Fossil Mammals and Birds of The American Museum of Natural History:

"O MUSEU PARANAENSE PODIA SER ALGO DE IMPO-NENTE. O QUE FAZEM OS SEUS TÉCNICOS É ATÉ DEMAIS. O QUE SE ESTÁ REALIZANDO, ULTRAPASSA A PRÓPRIA CAPACIDADE DOS NATURALISTAS QUE ALI TRABALHAM. A MEU VÉR, FALTA UM APÓIO MAIS DIRÉTO DO GOVÉRNO A UMA OBRA COMO ESSA QUE É IMPERECIVEL E DE TANTA RELEVANCIA PARA A CIÊNCIA".